

## EM CENA, A IDENTIDADE DOCENTE

TEOBALDO DIAS DE ARAÚJO

Muito tem-se discutido sobre a ressignificação do papel do professor no mundo atual. Um bom espaço para essa discussão tem sido a sala de aula da Faculdade de Educação na Universidade Federal do Ceará, onde o Prof. Luiz Botelho Albuquerque socializa o tema na Disciplina Didática do Ensino Superior.

A discussão é compartilhada com professores de diferentes áreas, que não prescindem da contribuição pedagógica para a construção de um mundo mais harmonioso, enriquecido por diferentes saberes e pela cooperação do diálogo. Herança greco-romana, a educação é fator representativo de inserção social e descreve na história da humanidade uma trajetória de legitimidade e desconstrução. Algo de apolíneo e dionisíaco. Inclusive é da antigüidade clássica que vem o termo Didática, derivado da função de ensaiador no teatro sistematizado pelos gregos.

Desde os clássicos os professores têm partejado diversos conhecimentos, em diferentes espaços de atuação. Cada vez mais a sociedade é solicitada a se dar conta de que a relação ensino/aprendizagem pode se efetivar até fora da sala de aula convencional.

Se a Universidade Medieval tinha um projeto pedagógico voltado para a morte, a Universidade Moderna desenvolveu o seu projeto pedagógico voltado para a vida. Passou-se da universidade do choro à universidade do riso. Nos mosteiros medievais, aprendia-se a reverenciar o corpo maltratado, enquanto que a universidade moderna redescobriu o valor do riso e do aprendiz, com interesses, necessidades e motivações diferentes. Observa-se na contemporaneidade o retorno a um mundo cada vez mais dionisíaco. A experiência de ensinar e aprender também deve ser prazerosa. Os espaços de aprendizagem se diversificam, nos museus, nos teatros, nos cinemas, nos bares, nas praças, há uma diversidade de espaços para a troca de saberes, com gozo e alegria. Nessa busca de saberes significativos, impera a consciência de que o aluno é o critério

definidor da relação ensino/aprendizagem e de que o professor constrói o seu processo de docência.

Dos filmes exibidos na disciplina de Didática do Ensino Superior, dois apresentam facetas contrastantes da relação professor e aluno. Em *O Anjo Azul*, o Prof. Rath encontra no cabaré de uma exuberante atriz/dançarina/cantora um espaço alternativo de aprendizagem. Para investigar as travesuras boêmias de seus alunos, ele larga a ordem apolínea do ambiente escolar tradicional para penetrar no universo dionisíaco da noite, apaixona-se pela vedete, perde a autoridade docente e até mesmo o emprego. De professor respeitado a palhaço mal sucedido, ele aprende por linhas tortas a trajetória de decadência, que culmina com a morte.

O outro filme, *Madadayo*, apresenta o recomeço da vida de um professor após a sua aposentadoria. Ele continua festejado pelos seus discípulos, sendo reverenciado até por sucessivas gerações de descendentes de seus ex-alunos. De acordo com a cultura oriental, nesse filme de Kurosawa, professor e alunos partilham medos, dúvidas, gastronomia e bebida. Fica implícito que o maior tesouro possuído pelo professor é a sua identidade docente, com base em uma relação de sensibilidade, transparência e afeto com os aprendizes. Se *O Anjo Azul* apresenta o lado sombrio e mórbido do professor-aprendiz, *Madadayo* expõe com clareza a metáfora da grande busca de todos: o sentido da vida. E a certeza de que o ato de aprender pode extrapolar o espaço convencional.

Aqui no Ceará um fato do cotidiano contemporâneo, pouco veiculado na imprensa, parece cena de um espetáculo absurdo. Contando ninguém acredita! Em Fortaleza, uma funerária que presta serviços a uma clientela de bom poder aquisitivo foi assaltada durante um velório. Os objetos das pessoas presentes foram roubados e postos no caixão em que estava o defunto. O morto ficou no chão. Nessa cena há uma atmosfera de perplexidade, galhofa e crueldade.

O episódio relatado exemplifica a crise de incertezas em que a sociedade se encontra contextualizada, na dita pós-modernidade. Se nem mesmo os mortos são respeitados, o que se pode esperar do respeito ao papel ainda vivo do professor neste prisma de indefinições sociais, de caos em diversos setores da administração pública?

A memória coletiva é desacatada cada vez que um monumento público é pichado. O vandalismo toma conta até mesmo de locais mais reverenciados como as igrejas e os templos do saber. O cerco da violência aberta cada vez mais os cidadãos e sufoca a liberdade individual. O caos social se recusa a ser ignorado, com o alto índice de irregularidades em vários setores da vida pública. E a escola, espaço de socialização do saber, é vítima de evasão. Até mesmo as Universidades Públicas se deparam com o abandono de alunos, por motivos de ordem pessoal e institucionais. Diante do caos generalizado, alguém se lembra de que o professor é um formador de opinião, que a educação ainda pode mudar o rumo dos acontecimentos. Mas os professores também sofrem o aviltamento de suas condições de vida e de trabalho.

No auge dos *reality shows*, o professor pode até ter os seus minutos de fama, desde que não renegue a força das novas tecnologias na multinacionalização da cultura. O professor não é semideus mas um ser imperfeito, em constante busca de transformação. Às vezes aturdido por algum sentimento de impotência. Entretanto, o que faz a diferença entre um mero repassador de conhecimentos e o professor comprometido com a educação é a consciência de aliar o tradutor de conhecimentos ao educador, sem prescindir do equilíbrio entre razão e emoção.

Philippe Perrenoud adverte sobre a necessidade de se rever a formação inicial dos docentes para dar mais ênfase às competências de transposição e de gerenciamento do saber e para transformar o professor em um tradutor de conhecimento, capaz de conseguir modificar sempre sua maneira de explicar até que todos os alunos aprendam:

Essa competência deveria estar no centro da formação inicial, mas infelizmente isso nem sempre acontece: Muitas vezes, no Ensino Fundamental, basta conhecer a matéria para começar a lecionar. A habilidade se desenvolve ao longo da vida, à medida que surgem os obstáculos. Alguém que explica frações e percebe que talvez quatro de cada cinco alunos não entenderam absolutamente nada de sua aula deverá tentar na aula seguinte ser mais concreto, achar novos exemplos. Esse processo não deve acabar nunca, pois os estudantes se renovam e há sempre alguns para os quais é necessário

[...] encontrar uma linguagem nova. Idealmente, um professor que de início era compreendido por três crianças em uma classe de 30 passará a ser compreendido por seis, depois por nove e finalmente por todas. (PERRENOUD, 2004, p. 20).

Como instituição formadora de professores, a Universidade tem compromisso com a ampliação da visão de mundo do aprendiz e investigação e indagação de saberes. Sabe-se que ninguém nasce professor, que o saber docente se refaz e se recria no ato propriamente dito, na prática. Porém, o professor deve ser estimulado a não se restringir à mera reprodução e criar alternativas para melhorar o seu exercício, através dos suportes da leitura e da pesquisa e do esforço renovador da formação continuada. Ler por prazer é também uma necessidade a ser incorporada à prática. A política de aquisição de livros precisa ser melhorada, para que todos possam ter mais acesso à leitura. Os livros ainda são considerados artigos de luxo, descartados da cesta básica de alguns educadores, por causa do alto custo. Um olhar reflexivo sobre a construção da identidade docente pode esbarrar em problemas de ordens diversas, tais como a política educacional do país, os baixos índices de leitura e escrita, a constatação de que há professores que não lêem por prazer.

No tocante à formação de professores, a Universidade Federal do Ceará lançou um olhar para si própria, refletindo sobre a reformulação dos cursos de licenciatura, aos quais pretende dar identidade própria, conforme declaração da Profa. Carmensita Passos, coordenadora das disciplinas pedagógicas das licenciaturas. Carmensita entende que as resoluções do MEC, referentes ao ano de 2002 e inclusas no documento *Proposta de Diretrizes para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica, em Nível Superior* "pretendem dar identidade própria à licenciatura, que não pode ser um apêndice do bacharelado" (PASSOS, 2005, p. 20).

O Prof. Francisco de Assis Santos de Oliveira, vice-coordenador do curso de História da UFC, afirma que o bacharelado e a licenciatura "são instâncias de um mesmo processo" e ressalta que ambos "devem produzir conhecimento e transmiti-lo" (OLIVEIRA, 2005, p. 20). Os dois

professores já citados foram ouvidos pela repórter Luciana Andrade, da Revista Universidade Pública, cuja chamada de capa é *A universidade no poder*. A repórter percebe que não há ou não deveria haver uma “dicotomia” entre bacharelado e licenciatura. Conclui a jornalista que,

[...] na prática, o bacharel é aquele que se dedica ao exercício da pesquisa em sua área, enquanto o licenciado aprende a ser professor, assimilando os conteúdos para ensiná-los nas turmas de Ensino Fundamental e Médio.

Carmensita concebe a Prática em Ensino como “um convite à superação do caráter disciplinar e à interação de conhecimento”, com “a obrigatoriedade de 800 horas de prática em ensino, através de estágios”, sendo “400 horas de práticas, acumuladas desde o início do curso, e mais 400 horas destinadas ao estágio curricular, que agora deve ocorrer obrigatoriamente em escolas de ensino básico”. Toda essa atenção voltada para o reforço qualitativo e quantitativo da Prática de Ensino pretende fortalecer o Projeto Pedagógico dos cursos superiores de formação de professores, com foco centrado na valorização docente, fundamentada no compromisso com o estudo, a pesquisa e o papel de educador. Os objetivos de formação básica e profissional devem estar bem coesos, em interação com teorias educacionais e práticas didático-pedagógicas, num processo efetivo de relação reflexiva e consistente.

Para a Pró-reitora de Graduação da Universidade Federal do Ceará, Ana Iório Dias, com o processo de mobilização para a reforma curricular, a UFC “assume uma nova postura de universidade”. Esse contexto de mudanças propicia a criação de novos cursos e o debate de novos métodos e experiências em sala de aula. Ao mexer nas estruturas de seus cursos, a instituição desencadeia ações para repensar seus anseios e prioridades, analisa avanços e limites. Busca a relevância, a vinculação ao desenvolvimento nacional e a sensibilidade para com medidas de inclusão social. Anseia também a inserção internacional e a capacidade de inovação e transferência de tecnologias de base física e social, não deixando de investir no humanismo inerente à tradição universitária no Brasil.

No contexto da política educacional, Ana Iório propõe entre o Município, o Estado e a União a elaboração de

um pacto de estabelecimento de bases e princípios de colaboração técnico-financeira, para que as ações não sofram quebra de continuidade – independente de questões partidárias. Alerta ainda que os profissionais da Educação também precisam ser consultados para se saber o que, de fato, lhes falta para serem valorizados, seja no que se refere à formação inicial e continuada, seja quanto ao plano de carreira, piso salarial, condições de trabalho, dentre outros. Além disso, é necessário pensar num sistema de acompanhamento pedagógico à ação docente, para uma caminhada conjunta e apoio permanente.

Ana Iorio defende uma reestruturação nos currículos de formação de professores, notadamente para a Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental, no sentido de incorporar teorias, descobertas e ações efetivas à instrumentalização dos estudantes que, nesse caso, atuarão como professores / alfabetizadores, envolvidos com o processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita. Reflexões sobre – o insucesso das práticas atuais para a abordagem da complexidade do ato de ler e de escrever – devem integrar a autocrítica dos educadores comprometidos com a missão de demonstrar a relevância social da leitura e da escrita no cotidiano extra-escolar. Para instaurar na sala de aula o prazer da leitura e da escrita e a liberdade, a flexibilidade, o crescimento pessoal e profissional que elas proporcionam, o professor deve trabalhar com a aprendizagem significativa, abrindo espaços, no currículo, para o aproveitamento da experiência e do conhecimento existentes fora do-contexto escolar. Ao mesmo tempo, a escola deve preocupar-se em fazer que tenham sentido, para o aluno, os conhecimentos sistematizados nas ciências, nas artes e nas linguagens. Ao ampliar a relação do educando com o cotidiano, a escola deve ampliar-lhe a visão de mundo e prepará-lo para o trabalho produtivo e a cidadania qualificada. O diagnóstico do desempenho precário de estudantes em leitura e escrita revela para a Profa. Ana Iorio aspectos de condições de formação docente e a (des)valorização do trabalho do professor:

Trata-se, efetivamente, de mudança na cultura existente na formação dos docentes, sem que signifique, necessariamente, a criação de novos cursos – essa é a primeira idéia que

se pode ter, quando são apresentadas as fragilidades dos programas atuais. Na verdade, é preciso que, desde o início da formação, sejam incorporados os novos e específicos conhecimentos, contextualizando os discursos de uma Educação em geral a partir de nossa realidade e de nossas necessidades, criando mecanismos e procedimentos para o trabalho efetivo com alfabetização/ letramento, com o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita (DIAS, 2005, p. 48).

O fazer contextualizado e reflexivo é imprescindível à ressignificação do trabalho docente. Na era das novas tecnologias, no laboratório das ações pedagógicas, o professor não deve ser um mero coadjuvante, mas um parceiro do aluno na redefinição da importância da ação de ensinar e aprender, que pode ultrapassar os limites da sala de aula e inserir-se no processo de permanente aprendizado do ser humano.

Em *Imagens Distorcidas*, Jacques Therrien, Ana Maria Lório e Maria de Lourdes Peixoto Brandão emitem a opinião de que

[...] apesar da constatação de que o cotidiano da escola denuncia a carência de uma formação assentada num currículo que proporciona ao educador os referenciais para vivenciar experiências interativas e reflexivas com as tecnologias da informação e comunicação, permanece a convicção de que é neste processo que são construídas criticamente novas compreensões e novos saberes que desvelam as multifacetadas do real.

O professor pesquisador, responsável pelo diálogo que produz o saber no cotidiano da sala de aula deve compreender o espaço das novas tecnologias de informação e da comunicação e incluí-las como instrumento didático útil. Porém, não deve prescindir do diálogo. Ainda não foi criado nenhum programa eficaz de computador que faça o aluno pensar e o escute. A interlocução é habilidade essencial ao professor. Somente o ser humano é capaz de fazer alguém pensar sobre o que foi dito ou escrito. E esse desafio deve ser o grande alento do professor para construir, com o auxílio de novas tecnologias, um mundo em que a alfabetização e o letramento encaminham o homem para a construção de uma cultura de paz, justiça e sensibilidade.

O Prof. Luiz Botelho Albuquerque também aponta a perspectiva de futuro no sentido de diálogo interdisciplinar

e possivelmente de um novo tipo de organização universitária. Como orientador do Curso de Pós-graduação em Educação Brasileira, aposta na vitalidade da comunidade científica fundadora da maioria das áreas de conhecimento. Observa fatos associados à sociedade contemporânea que devem ser incorporados às reflexões acadêmicas. Refere-se ao contexto de globalização cultural em convívio com novas tecnologias e com o privilégio de conhecimento e capital em detrimento de força de trabalho e matérias primas. Salaria ainda que a isso se soma uma nova perspectiva de organização internacional, tendente a modelos mais integrados, tendência identificada genericamente sob o título de globalização de mercados e da cultura. Conclui que cientistas e educadores enfrentam novos desafios sobre a concepção do conhecimento científico e de métodos válidos para atingi-lo e socializá-lo. Esse conjunto de buscas integra o processo de construção da docência.

A mudança paradigmática na relação do professor com o saber é contemplada nas discussões que permeiam os encontros de Didática do Ensino Superior, onde aprendeu-se um pouco mais sobre outras práticas educativas. Uma conferência sobre A educação a distância apresentou uma alternativa de aprendizagem na complexidade da vida moderna, questão ainda bastante polêmica sobre a autonomia do aprendiz. Outra quebra de paradigma cultural foi abordada através da experiência socializada pela Profa. Ana Ruth Brito sobre o método avaliativo a que submeteu os seus alunos da licenciatura. Após uma conversa com a turma, ela utilizou parâmetros de não nota na elaboração de um mapa de registro, conforme foi estabelecido no que chamou de contrato didático. Com a conclusão do conjunto de trabalhos solicitados, ao final do curso, o aluno toma conhecimento da conversão do seu desempenho em nota. Os alunos são submetidos aos parâmetros de um mapa conceitual, avaliam seus pares e têm direito a um percentual de 25% de faltas. A avaliação por *portfólio* reflexivo é também uma alternativa de auto-avaliação, em que cada aluno reconstrói e reelabora seu processo de aprendizagem ao longo do curso e reeduca sua capacidade de percepção. Uma prática educativa relevante partilhada pela Profa. Ana Ruth com os alunos do Prof. Botelho é o Laboratório de Estímulo à Docência – L.E.D.,

espécie de apresentação de seminários sem a roupagem usual, cuja culminância enfatiza as seguintes linguagens: artes plásticas, teatro, escrita e oralidade. Esse laboratório docente recorre aos jogos dramáticos e a outros elementos da gênese teatral, para estimular o poder de comunicação do aluno da graduação que estuda para ser professor e busca assim a sua identidade docente, como o ator que investe na pesquisa e nos ensaios do papel que representará diante de um público.

Um olhar reflexivo sobre a construção da identidade docente não pode prescindir de um compromisso com a formação de uma nova civilização, de uma nova ordem social, em que as diferenças sejam respeitadas, com suas questões éticas, estéticas lingüísticas e étnicas. Deve também levar em consideração que houve um retorno a um mundo mais dionisíaco, em que o prazer precisa dar sentido ao trabalho docente. Preparar-se para dar aula consiste em desenvolver um laboratório interno, nos moldes da gênese teatral, para a efetivação do espetáculo, do ritual de troca de saberes e experiências. Professor e alunos são atores sociais envolvidos na construção de um mundo mais interativo, de permanente aprendizado, em que o protagonismo da Didática é fundamental.

### Referências Bibliográficas

- ALBUQUERQUE, Luiz Botelho (Org.). Cultura, educação e Novas Identidades. In: \_\_\_\_\_. *Culturas, currículos e identidades*. Fortaleza: Editora UFC, 2004.
- ANDRADE, Luciana. Especial, A vez da Graduação. *Revista Universidade Pública, A universidade no poder*, Fortaleza, Editora UFC, mar./abr. 2005.
- BRANDÃO, Maria de Lourdes Peixoto., DIAS, Ana Maria lório. As Transformações do Saber na Sociedade Contemporânea e a Formação de Professores. In: \_\_\_\_\_. *Imagens distorcidas*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2003.
- DIAS, Ana Maria lório. Alfabetização de crianças, o antes e depois. Opinião de Ana Maria lório Dias. *Revista Vida e Educação*, Fortaleza, Editora Brasil Tropical Ltda., 2005.
- MANTOAN, Maria Tereza Eglér. Fala, Mestre! Inclusão é o privilégio de conviver com as diferenças. *Revista Nova Escola*, São Paulo, Editora Abril, 2005.

MELLO, Guiomar Namó de. Com a palavra. Aprendizagem Significativa. *Revista Nova Escola*, São Paulo, Editora Abril, 2004.

MILANI, Aloísio. Por que Professor não gosta de ler. *Revista Educação*, São Paulo, Editora Segmento, 2003.

PERRENOUD, Philippe. Fala, Mestre! A democratização do ensino exige nova linguagem em classe. *Revista Nova Escola*, São Paulo, Editora Abril, 2004.